

MARILIA

D E

DIRCE O.

Por T. A. G.

PARTE III.

Nova Edição.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1 8 2 0.

*Com licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

THE
JOURNAL
OF
THE
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE
OF GREAT BRITAIN AND IRELAND
VOLUME 12
PART 1
1882
LONDON
PUBLISHED BY THE INSTITUTE
21, BEDFORD SQUARE, W.C.
1882

PROLOGO.

Sem nos constituirmos ingratos, não nos podíamos subtrahir á publicação desta Terceira Parte da *MARILIA* de DIRCEO. A acceitação com que o respeitavel Publico recebeu a Primeira, e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo não nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a maior exacta legalidade os Versos, de que se compõe este Folheto, obtidos das mãos de alguns Curiosos, que por saberem avaliar o merecimento do seu Author, com todo o cuidado os conservavaõ.

Poucos Poetas até o presente tem cantado tão bem amor, e ternura,

como o nosso : elle nos descreve a natureza em toda a sua energia ; e com as mais sensiveis , e modestas côres nos pinta os effeitos de huma viva paixão. Aonde se encontrarão tantas bellezas , tanto mimio Poetico como na prezente Collecção ! Nós vemos dispersas por esta Obra a brandura dos *Matos* , a pureza dos *Quitás* , a sublimidade dos *Garções* ; em fim a suavidade , e as mais graças , que em particular se admiraão em cada hum dos mais celebrados Poetas , encontrámos , bem como em compendio , nos versos do nosso Poeta.

A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da Primeira , e Segunda Parte destas Lyras em menos de seis mezes , he hum ir-

refragavel argumento , do que acabamos de dizer ; apenas appareceo a Primeira Parte , de tal sorte foi recebida , dos que amaõ os encantos da Poesia , que nos vimos precisados a reimprimi-la , para satisfazermos a quem no-la buscava ; motivos estes , que cooperáraõ para a publicação desta Terceira Parte , que naõ só pelo seu merecimento , como por completar a Collecção , esperamos corra a mesma fortuna das outras ; ficando por este modo satisfeitos os senhores Curiosos , que este he só o interesse , que desejamos alcançar das despezas , e longos trabalhos , que tivemos em proporcionar-lhes a satisfação do seu gosto.



MARILIA

D E

D I R C E O.

L Y R A I.

Como alegre vem nascendo

A serena madrugada !

Já d'aurora a luz dourada

Duvidosa vem raiando.

E tu descansando ,

Marilia formosa ,

Escutar não vens

Minha voz saudosa.

O suave rouxinol

Já desampara o seu ninho ;

E no torcido raminho

Namorado está cantando.

8 M A R I L I A

E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha voz saudosa.

O solícito pastor
Lá sáe do pobre agasalho ;
E pelo rude trabalho
O descanso vai deixando.

E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha voz saudosa.

Ainda a luz matutina
Com a noite s'equivocava ;
Já eu , ó Marilia , estava
Pelo teu nome chamando.

E tu descansando ,
Marilia formosa ,
Escutar não vens
Minha voz saudosa.

Naõ penses que desgostoso,
Queixas fórmô contr' Amor;
Mil canções em teu louvor
Brandamente estou cantando.

E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar naõ vens
Minha voz saudosa.

Canto ao som da minha Lyra
Tua rara perfeiçaõ,
Com que Amor doura o grilhaõ,
Que alegre vou arrastando.

E tu descansando,
Marilia formosa,
Escutar naõ vens
Minha voz saudosa.

Mas que sobresalto! ou vejo com
 No prado andar humas Estrellas!
 Ah! não, he Marilia bella,
 Que para mim vem chegando
 Delicias deixando,
 Marilia formosa,
 Vem meiga escutar
 Minha voz saudosa.

L Y R A II.

Numa escura gruta,
 Funebre, e sombria,
 Onde entrar não pôde
 Esplendôr do dia.

O Mago Sileno
 Sózinho habitava ;
 E nella d'amor
 Mystérios sondava.

O terno Dirceo
 A este sitio corre :
 Dirceo , que d'amores
 Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega
 Que horrores exala
 Desta sorte ao Mago,
 Tremendo lhe falla :

*Oh ! tu graõ Sileno ,
Que á força d'encanto
Tornas em prazer
D'amantes o pranto.*

*Dize-me , se tanto
Poder em ti ha :
A minha Marilia
Constante será ?*

*Basta : diz o Mago ;
E sem se deter ,
Em hum livro pega ,
E se pôz a lêr.*

*Ossos serpentinos ,
Seccos , e mirrados ,
A arder logo põe
Feitos em bocados.*

Eis que o fogo accende,
 Esparge no fumo
 D'hervas venenosas.
 Pestifero gumo.

Tres vezes invoca
 D'Erycina o nome;
 Em quanto a materia
 O fogo consome.

Apenas s' extingue,
 Estrondo s' escuta;
 Que até de temor
 Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
 Amor apparece;
 Que com mão mimosa
 Huma coroa tece.

Escuta, Dirceo,
Amante feliz;
 Com huma voz divina
 Amor então diz:

14 M A R I L I A

*Mais firme, que a rocha
Dos ventos soprada;
Marilia será
Por Dirceo amada.*

L Y R A III.

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeos, Marília adorada,
Vil desterro vou soffrer.

Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos Ceos! não sei dizer.

Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negaça.
Me está dizendo a desgraça,
Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer.

— Por deixar os patrios Lares,
Não me fere o sentimento ;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dôr ;
Mas sim ver, que o meu amor
Este fim havia ter.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

A mão do fado, invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com qu' amor nos quiz prender.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei ? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Auzento de ti, Marília,
Hei de amar-te até morrer.

L Y R A IV.

Que vezes julga, que morre
Hum naufragante no mar ;
E então a sorte o soccorre ,
Levando-o a salvação !

Só eu na escura prizaõ ,
Aonde morrendo vivo ,
Naõ encontro lenitivo
Na minha dura afflicçaõ.

Lutando com a pobreza ,
Vive o mortal indigente ;
Té que a próvida riqueza
O tira da precisaõ.

Só eu na escura prizaõ ,
Aonde morrendo vivo ,
Naõ encontro lenitivo
Na minha dura afflicçaõ.

Combatendo o inimigo
Encontra o Soldado a sorte,
Qu'o livra de todo o p'riço.
Na mais arriscada acção.

Só eu na escura prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
Naõ encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Ao sôm do pezado ferro
Chora o triste degradado;
Té que o livra do desterro
Huma poderosa maõ.

Só eu na escura prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
Naõ encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

No carcere , ou no degredo ,
Na doença , ou na pobreza ,
Ou lá mais tarde , ou mais cedo
Todos tem consolação.

Tambem eu nesta prizaõ ,
Aonde morrendo vivo ,
He Marilia o lenitivo
Na minha dura afflicção.

L Y R A V.

Fulgidas Estrellas
Logo s' amortecem,
Tanto que apparecem
De Titan os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura;
Toda a formosura
Padece desmaios.

Seu lindo rosto,
Encantador
He doce paga
Do meu amor.

L Y R A VI.

Vaidosa a Fortuna

Da sua riqueza

D'amor escarnece

A triste pobreza.

Risonha o conduz

A seu Templo, aonde

Immensas riquezas

Dos mortaes esconde.

As portas do Templo

De fino ouro são ;

E em rijos brilhantes

Cravadas estão.

Apenas que as vê

A Deosa potente ,

Qual o relampago ,

Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vê taõ sómente
Safiras, rubins,
E o metal fulgente.

De hum lado em cofres
Que só d'ouro são,
Corôas, e Sceptros
Fechados estão.

E para outro lado
Espadas, bastões,
E corôas de louro
Estão aos montões.

Pelo chaõ sem num'ro
Rólaõ diamantes
Pedras preciosas,
Metaes rutilantes.

Em eburneo throno,
Qual outro não ha,
A Deosa s' assenta
Se no Templo está.

Em fúlgidos vasos
Ante o seu altar,
Comas Nabatheas
Ardem sem cessar.

A Amor com vaidade

A Deosa mostrava

Toda esta riqueza;

Que em seu Templo estava.

Depois com desdem,

Surrindo lhe diz:

Então meu menino

Tu és tão feliz?

O terno Cupido

Que de raiva estalla,

A' Deosa voluvel

Desta sorte falla:

Se de ouro, nem pedras

Tu vês sou senhor;

Tambem tenho bens

De maior valor.

Dizendo isto *partem* *seu* *coração*,
 Em vôo despedido *seu* *coração*,
 Ao Templo, onde *amou* *seu* *coração*,
 Se *ven* *ra* *em* *Grado*.

Agora verás *que* *eu* *sei* *o* *que* *eu* *sei*,
 Lhe diz: *hum thesouro*,
Que val muito mais,
Que todo o teu Ouro.

Contente lhe mostra
 Marilia engraçada,
 De amantes desejos
 Em torno cercada.

Eisque a Deosa vê
 Marilia formosa;
 Confessa a victoria,
 E foge raivosa.

L Y R A VII.

Em quanto o sordido aváro
 No seu thesouro empregado;
 Sem cessar conta o dinheiro
 Com mil usuras ganhado:
 Sem jámais descanso ter
 Com o receio de o perder:

Em quanto no fragil vaso
 Corta o Nauta o salso mar,
 Para de longiquas terras
 Os cabedaes transportar;
 Arriscando nesta lida
 Com a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General
Com ataques, e sortidas
Manda á fria Libitina
Com a sua tristes vidas;
Só para fazer distincto
O seu nome do sangue tinto:

Eu á margem deste rio
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meu peito:
E ao som da suave Lyra
Canto idéas que amor me inspira.

L Y R A VIII.

Hum dia que o gado
No prado guardava;
Amor me apparece
Com arco, e aljava.
No tronco mais verde
Que no prado houvesse
Amor me mandou,
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Hum tronco buscar,
Para nelle as ordens
Prompto executar.
No tronco d'um freixo
Que viçoso vi;
Quiz gravar amor,
Marilia escrevi.

30 M A R I L I A

Tanto que amor vê

O engano feliz ,

O nome beijando,

Alegre me diz :

Não temas Dirceu

Não mudes de côr ;

Nesse doce nome

Escreveste amor.

L Y R A IX.

Como correm brandamente
Da noite as horas sombrias !
Que manso murmurio fazem
Deste rib as agoas frias.

A negra tristeza
Que o sitio produz
Minha alma conduz
A mil agonias.

As opacas , grossas nuvens
Que do Sul correndo vão ,
A furto deixaõ raiar
Da Lua o froxo claraõ.

A palida luz
Q' a medo apparece ;
Ah ! quanto entristece
Esta solidaõ.

~~Noctivagas aves girão~~

Neste lugar pavoroso ;
E quanto he melancolico
O seu grasnido horroroso !

Seu funebre Canto ,
Correio d'afflicção ,
Faz meu coração
Mais triste , e saudoso.

Em busca de infeliz preza ,
Huns com os outros topando ,
Andaõ carnívoros lobos
Pelos montes ululando.

E se acaso pastaõ
Por estes arbustos ,
Mil gélidos sustos
Me estaõ motivando.

Em fim quanto vejo, e sinto
Nesta triste solidão:

Tudo está reproduzindo

A mais horrida afflicção.

Funebres horrores

Que causão espanto

Meu lugubre pranto

Promovendo estaõ.

Mas se Marilia agora

Neste horror apparecia;

Depressa a noite mudava

Mais brilhante do que o dia,

Seus olhos formosos,

Que mil prizões tecem,

Aonde apparecem

Tudo he alegria.

L Y R A X.

A bella Cyt n'rea
Do rosto claro
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos soluços
D'alma nascidos
A Deosa exhala;
E aos ares sobem
Com mil gemidos.

Aos Ceos dirige
Amarga queixa;
E contra o filho
Que ama, e não vê;
Assim se queixa: .

Onde t' escondes ?
 Porque fugiste ?
 Sem te lembrares
 Venus ficava
 Saudosa , e triste.

Sem ti Adonis
 Feio parece ;
 Marte sem ti
 Doces encantos
 Me não merece.

Vem a meus braços ;
 Prenda querida ;
 E sem demora
 Vem a meu peito
 Dár nova vida.

Debalde em Gnido
 Ver-te pensei ;
 Em Chypre , e Paphos
 Da mesma sorte
 Em vão busquei.

Já que não ouves
O meu chamar ,
Ao mesmo Averno
Se p'ra lá foste
Te irei buscar.

Qual veloz seta
Que o ar sacode ;
Venus partio
Buscando amor
Que achar não póde.

Corre em vão todo
Reino da morte ;
Tê que por fim
Junto a Marilia
A guía a sorte.

No seu cabelo
Que tem cahido ,
Alegre a Deosa
Encontra amor
Nelle perdido.

L Y R A XI.

Ergástulo cruento
Onde não entra a Aurora !
Pensas que a sombra tua
A vida me devora ?
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade.

Se pensas que os teus ferros
Horribeis , e pezados ,
Me tem os rijos ossos
Com dores traspassados ;
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza
Desta masmorra escura,
Me leva por momentos
A' fria sepultura :

Naõ penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se o álito que deitas
Tu jãlgas que me empesta;
Se pensas que a matar-me
Já pouco, ou nada resta :

Naõ penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento,
Se a trabalhosa lida ,
Tu pensas que me tiraõ
As forças para a vida :

Naõ penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate;
E cuidas que me vence
Taõ rigido combate :
Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se pensas que essas furias
Alectos , e Megéras ,
Me pódem dentro d'alma
Tirar d'amor as véras :
Naõ penses tal maldade ,
Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte
O horrido governo
Me leva a cada passo
Ao tenebroso Averno :
Naõ penses tal maldade ;
Eu morro de saudade.

Já que até agora,
Horrido canto
Com turvo pranto
Soltei ao ar :

Por ti Marilia
Vou suspirar.

Naõ são os ferros
Que me atormentaõ ;
Nem mais augmentaõ
Este pezar.

Por ti Marilia
Vou suspirar.

Tudo soffrera ,
Nada sentira ;
Se aqui te vira
Neste lugar.

Por ti Marilia
Vou suspirar.

Só com teus olhos,
Breves instantes,
Dias brilhantes
Me pódes dar.

Por ti Marília
Vou suspirar.

Quando discorro,
Que te não vejo,
Nem hum bocejo
Posso formar:

Por ti Marília
Vou suspirar.

Vencerás tudo
Quanto me aterra;
Não teino guerra
Tendo-te a par:

Por ti Marília
Vou suspirar.

Estes trabalhos
Não me dão corte;
Conduz-me á morte
Não te gozar.

Por ti Marilia
Vou suspirar.

Mas basta já de canto:
Ergástulo cruento!
Bem vês que não me aterra
Teu horrido tormento.
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

Se aqui vier hum dia
Marilia linda, e bella,
A quem minha alma adora;
Lhe dizê, que por ella
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

LYRA XII.

Fortuna, e Dirceo.

De Cresso as riquezas
Te mostro, Dirceo,
Se deixas Marilia
Será tudo teu.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

De marmor Marpezio,
De Tectos dourados,
Teus grandes palacios
Seraõ respeitados.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

Em aureas Berlindas,
Por Urcos puxadas,
Serás conduzido
Com armas gravadas.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

A pompa luzente
Da Corte brilhante
Dirceo por honrar-te
Terás todo o instante.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se luxo quizeres
Terás luxo tanto;
Que dês aos mais horas
D'inveja, e de pranto.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
 A propria grandeza ;
 Que tudo he sublime ,
 Aonde ha riqueza .
 Serás grande senhor ,
 De nada val amor .

Se Throno quizeres
 Dar-te-hei alto Throno ;
 De terras , e Reinos ,
 Dirceo , serás dono .
 Serás grande senhor ,
 De nada val amor .

Apenas deixares
 Marilia formosa ,
 De tudo o que digo
 Sem d'úvida goza .
 Serás grande senhor ,
 De nada val amor .

Dirceo.

Fortuna, que buscas
Com tantos poderes;
Com outros reparte
Teus grandes haveres.

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

A prata burnida
Por maõ delicada
A frente taõ branca
Naõ he comparada.

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Quaes saõ as Saffras,
Que breves instantes
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes.

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

As rozas mais rubras,
 A côr da Açucena,
 Lhe mostraõ na face,
 Que lucida scena!

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Na boca formosa,
 Rubís delicados,
 Lhe deixaõ pequenos
 Recintos fechados.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Mas ah! que eu naõ busco
 Marilia pintar-te;
 Por outros motivos
 Dezejo raivar-te.

Naõ quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Se tu pôdes tanto ,
Fortuna invejosa ;
Porque me não tiras
Marilia formosa ?

Naõ quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante ,
Dirceo se desvella ,
Mais bens não dezejaõ
Nem elle , nem ella.

Naõ quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia ,
Fortuna cruenta ;
Que a seus predicaõs ,
Que mais s'accrescenta ?

Naõ quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Se tu por Marilia
Me dás prata, e ouro
He que ella mais val
Que todo o Thesouro.
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se pompa, e grandeza
Por ella me tornas;
Com ella, oh Fortuna,
O templo mais ornas.
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Eu quero a Marilia
Naõ quero riquezas;
No extremo sou grande,
Naõ busco grandezas.
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

50 M A R I L I A

Se pobre me vires,
Eu nunca exespero;
Pois tenho a Marília
De ti nada quero.

Naõ quero ser senhor,
Nais rico sou d'amor.

Fortuna, não quero
Mais ver-te, importuna;
Quem tem a Marília
Tem toda a fortuna,

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

De mim, oh Fortuna,
Te vinga raivosa;
Porque a ti prefiro
Marília formosa.

Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

L Y R A XIII.

Em carro de branca neve
Pelos Aquilões puxado ,
Assoprando rijos ventos ,
Vai fugindo a longos passos
O triste Inverno engilhado.

Comsigo levou
A fria Estação ;
Agora só corre
Branda viração.

De Favonio a docil aura
Já a Primavera respira ;
E de pullulantes flores
Vai vestindo os vérdes campos
Que o Inverno destruíra.

Ligeiros Zephiros
Nas azas sostidos ,
Por entre os raminhos
Adejaó perdidos.

Com sôin medonho esta fonte
No triste inverno corria ;
Hoje em segredo murmura
Convidando o caminhante,
Com a linfa pura , e fria.

Com sereno passo
Por estas campinas
Os pés vai beijando
A's lindas boninas.

Que feiticeiros encantos
 Não apresenta a natureza!
 Quanto os meus olhos alcançaõ,
 Em tudo brilhando está
 Huma natural belleza.

Dispostas sem arte
 Mil cheirosas flores
 O prado matizaõ
 Com vívidas cores.

Mas se a meu lado te visse,
 Minha Marilia adorada;
 Os transportes que em mim sinto;
 Mais sublimes os faria.
 A tua face engraçada.

Em teu lindo rosto
 Póz a natureza
 Magicos encantos
 Da maior belleza.

L Y R A XIV.

Contente promette
Alcino Pastor
(A dar-lhe Marilia)
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette ;
Alcino gostoso
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu Pescador
Sem elle hum momento
Não tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria ;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser cousa odiosa
Roubar a Dirceo
Marilia formosa.

Mas tinha d'Aldêa
Mil votos Amor ;
Pois era na Aldêa
Mais rico Pastor.

Entrou o vendado
Na dura batalha ;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas eraõ taõ firmes
Os seus corações
Que o zello não pode
Quebrar-lhe as prições.

Amor cavilloso
Que vive em receio ;
Se vaõ a abraçar-se ,
Se mette no meio.

Os braços abeindo
Os quer separar :
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promessa :
Amor as silladas
De novo começa.

No braço lhe pega ,
A ella o presenta ,
E as faces rozadas
A elle lhe aumenta.

Marilia engraçada
Sem ter turbação,
Põe logo raivosa
Os olhos no chão.

A elles voando
Lhos quer levantar;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do cáro Dirceo
A voz escutando,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Accode-me, accode,
Oh meu Pescador!
Marilia tu vinga
D'Acião, e d'Amor.

A's vozes accode
O Amante ligeiro ;
E toma nos braços
O bravo frecheiro.

De sorte o aperta ,
Q' Amor sossobrado ;
Lhe diz : *Não me mates*
Estou emendado.

Já sei quanto pôde
A firme constancia ;
Ou sendo em presença
Ou quando em distancia.

Alcino raivoso
Entrou a bradar :
De ti amor cego
Me quero vingar.

*Já força não tens
Estupido amor;
Enganas a gente
Não tendo valer.*

*Amor indignado
O busca ferir;
Alcino de medo
Deitou a fugir.*

*Voltou-se aos amantes
E disse-lhe assim :
Busquei separa-los,
Prende-los, mais vim.*

*Quiz dar-te Dirceo
Hum fero rival :
Se he firme a belleza
Astucia não val.*

60 . M A R I L I A

Dirceo a Marilia

Os braços lançou :

Amor de invejoso

Raivando voou.

L Y R A . X V .

Já quando baixava Fébo
Do ponto do Meio dia ;
E nos fogosos Ethontes
Para o Sepulcro corria :

Marilia , Pastora bella ,
Branças ovelhas pastava ,
Junto d'hum bosque frondoso
Que á margem do Téjo estava.

Sentada no tronco annoso ,
Que verdes folhas não tinha ;
Lançava as vistas ao longe
Para ver se Dirceo vinha.

Na mão direita encostado
Tinha o divino semblante ;
E para vê-lo o Deos Loiro
Parava d'istante a instante.

Os olhos põe nas ovelhas,
De novo ao monte os erguia;
Mas nas garras da saudade
Dirceo, nem ovelhas via.

De longe a divisa amor
Conhece-lhe a turbacão;
Pois só elle por Dirceo
Lhe governa o coração.

Bate as azas; deu hum vôo
Junto da Pastora bella:
Marilia estava de sorte,
Que não foi sentindo della.

Amor então s'escondeo
Por detraz do tronco annoso;
Por lhe deixar campo livre
Ao seu extremo saudoso.

Marilia, a quem já dos olhos
Corria o sentido pranto;
Julgando que só estava,
Solta do peito este canto:

Pastor amado!
Minha alma, e vida!
Como sentida
Aqui me tens?
Pastor que esperas?
Inda não vens?

Como he possível
Que te demores?
Sem ver que as horas
Correndo vão?
Deixas Marilia
Nesta afflicção?

64 M A R I L I A

Eu não te chamo,
Dirceo, ingrato;
Teu terno trato
Mostrado tem,
Que he só Marilia
Teu doce bem.

Nada duvido
Desta verdade;
Mas da saudade
Fero rigor
Rival se mostra
Do meu amor.

Ah! que eu me inflamo
Mais em querer-te;
Porém sem ver-te
Oh justo Ceo!
Não te demores
Dirceo, Dirceo.

A saudade foi tão forte
De Marilia neste passo ;
Que fica encostada ao tronco ,
Deixando cahir o braço .

Deixa escapar hum gemido ,
Bem proprio nesta paixão ;
A vista se lhe perturba ,
Palpita-lhe o coração .

Amor de susto tremeo :
Chega a ella de improviso ;
E diz-lhe : *Marilia bella*
Deixa o pranto , solta o riso .

Dirceo naõ tarda hum momento ;
Detraz da montanha o vi ;
Movendo ligeiros passos ,
Antes que eu te visse aqui .

*Por sinal vinha cantando
Cantigas ao seu amor;
Quero repetir-te aquellas
Que pude tomar de côr.*

Marilia, minha amada!
Aonde estás, aonde?
Marilia, minha amada!
Ah! que ninguem responde.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de achar?
Marilia, minha amada...
Não oiço alguém fallar.
Marilia, responde
Por boca d'amor
Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !

Marilia , doce bem !

Marilia , minha amada . . .

Aqui não vejo alguém.

Marilia , responde

Por boca d'amor

Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !

Aonde te hei de ver ?

Marilia , minha amada . . .

Eu sinto-me morrer.

Marilia , responde

Por boca d'amor

Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava ,

Que eu não pude perceber :

Ah ! Marilia , quanto he justo

Teu innocente querer !

Mas ah ! não vês a Dirceo
Como corre para nós?
O Cervo buscando a Cerva,
Não, não corre tão veloz.

Amor calla ; ella levanta
Os olhos té li fechados ;
E vendo que Dirceo vinha,
Respira doces agrados.

Novo lustre lhe aparece
Nas maxillas côr de roza :
Não ha Pastora no Téjo ,
Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoava
Huma tão nova alegria ;
Que sendo Marilia bella ,
Inda mais bella a fazia.

Então Marília soltando
Vozes d'amor, e desvello;
Já levantada do tronco,
Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre,
Que também amor queria,
Pois enlaçava os amantes,
Ter parte nesta alegria.

Dirceu chega, e traz nas mãos
Venabulo forte aguçado,
De sangue cheio, e o pelíco;
Tambem de sangue manchado.

Marília se assusta logo;
De novo treme, e desmaia:
Amor os braços lhe estende,
Porque na terra não caia.

Dirceo lhe diz : oh Marilia !
O teu Pastor nada tem :
Abre os teus luzentes olhos
Não te assustes caro bem.

Levantou Marilia os olhos ,
Lindos olhos côr do Céu ;
E logo encontrou aquelles
Do seu querido Dirceo.

Que sangue he esse , oh querido ?
Marilia lhe perguntou :
Dirceo sorrindo o semblante ,
Desta sorte lhe fallou :

Quando descendo do Serro
Trilhava o nosso caminho :
Vejo hum Javali deitado
Entre hum alto rosmarinho.

Tremi de susto lembrado
 Que tu havias passar ;
 Fosse mais tarde, ou mais cedo
 Junto daquelle lugar.

Sem trazer armas algumas
 Temi atacar a fera ;
 Qual seria meu desgosto,
 Cára Marília, pondéra.

Ligeiro busco a Montanha,
 Chego á Cabana, e tomei,
 D'entre os venábuloz que tinha
 Este mais forte que achei.

Desço a montanha apressado ;
 Vejo a fera, que sobia :
 C'os cabellos erissados
 Do lugar em que dormia.

*Corro a ella: a mimi se avança ;
Teu nome invoco , e d'Amor ;
Feri-a logo , e na morte
Não teve mais que huma dôr.*

*Vem comigo prenda amada ,
Vem ver o triumpho meu :
Para libertar Marilia
Não teme a morte Dirceo.*

*Dá-me os teus braços em premio
Deste trabalho que tive ;
Tu vives para Dirceo ,
Dirceo para ti só vive.*

*Então estendendo os braços ,
Hum ao outro se abraçou :
Amor chegando-se a elles
Mais os laços apertou.*

Amor cheio de prazer,
 Soltando as vozes ao ar;
 Em louvor dos dous amantes
 Assim começa a cantar :

Marilia formosa
Mais bella q' a roza;
D'amor saõ desvellos
Teus negros cabellos,
Teu rosto gentil.
Amor te annuncia
Prazer, e alegria,
Nos braços amantes,
Nos olhos brilhantes
Do cáro Dirceo.

Dirceo, ea te auguro
No tempo futuro;
Mais ditas, e gosto
Marilia no rosto
Te pôde mostrar.

D

*Constante ventura ,
Carinhos , ternura
Terás conservada
No peito da amada ,
No seu coração.*

*Os premios são estes ,
São estas as vestes ,
Que amor vos destina ;
A amar-vos eterna
No dia melhor.*

Tres vezes bateo as azas
Sobre Marilia , e Dirceo ;
E rompendo os densos ares
Delles desappareceo.

He mais doce que o mel teu terno agrado.

SONETO.

Marilia chega, que Dirceo t'espera
Sobre as candidas asas da alegria;
Chega querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferina s'exaspera.

Apenas no Orizonte amanhecêra,
E Fébo os leuros raios repartia;
Já dentro desta Aldêa se sabia,
Que a causa deste bem, Marilia era.

Tu já vês como salta o Cordeirinho
Alegre atraz da mãe no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, vindo-te do Fado:
He mais puro que o leite o teu carinho,
He mais doce que o mel teu terno agrado.

Recebe os cultos deste peito amante.

S O N E T O.

O Marilia gentil, ao Templo vamos,
Onde amor tem na Pira fogo ardente;
Quero-te alli; dezejo-te presente;
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande Portal; já que chegamos
Repara nesta Massa reluzente;
Impuro coração não se consente
Em torno ás Aras, onde a vista alçamos.

Aqui d'Amor a chama s'accrescenta
Em todo o peito fido, alma constante;
Aqui se morde a intriga turbulenta.

Mas, Marilia! meu bem! hum breve instante
Ao Altar sobe, junto a Amor t'assenta,
Recebe os cultos deste peito amante.

F I M.

